

CRESCER PROCURA POR IMÓVEIS

Ana Júlia Pinheiro

Da equipe do **Correio**

Da fantasia para o concreto. Está migrando para os imóveis o dinheiro sacado às pressas na sexta-feira, quando o delírio coletivo esperava que o governo confiscasse depósitos em conta-corrente, poupanças e aplicações financeiras. O temor de um feriado bancário, seguido de moratória das dívidas da União, multiplicou por cinco o movimento nos estandes de vendas das imobiliárias da cidade.

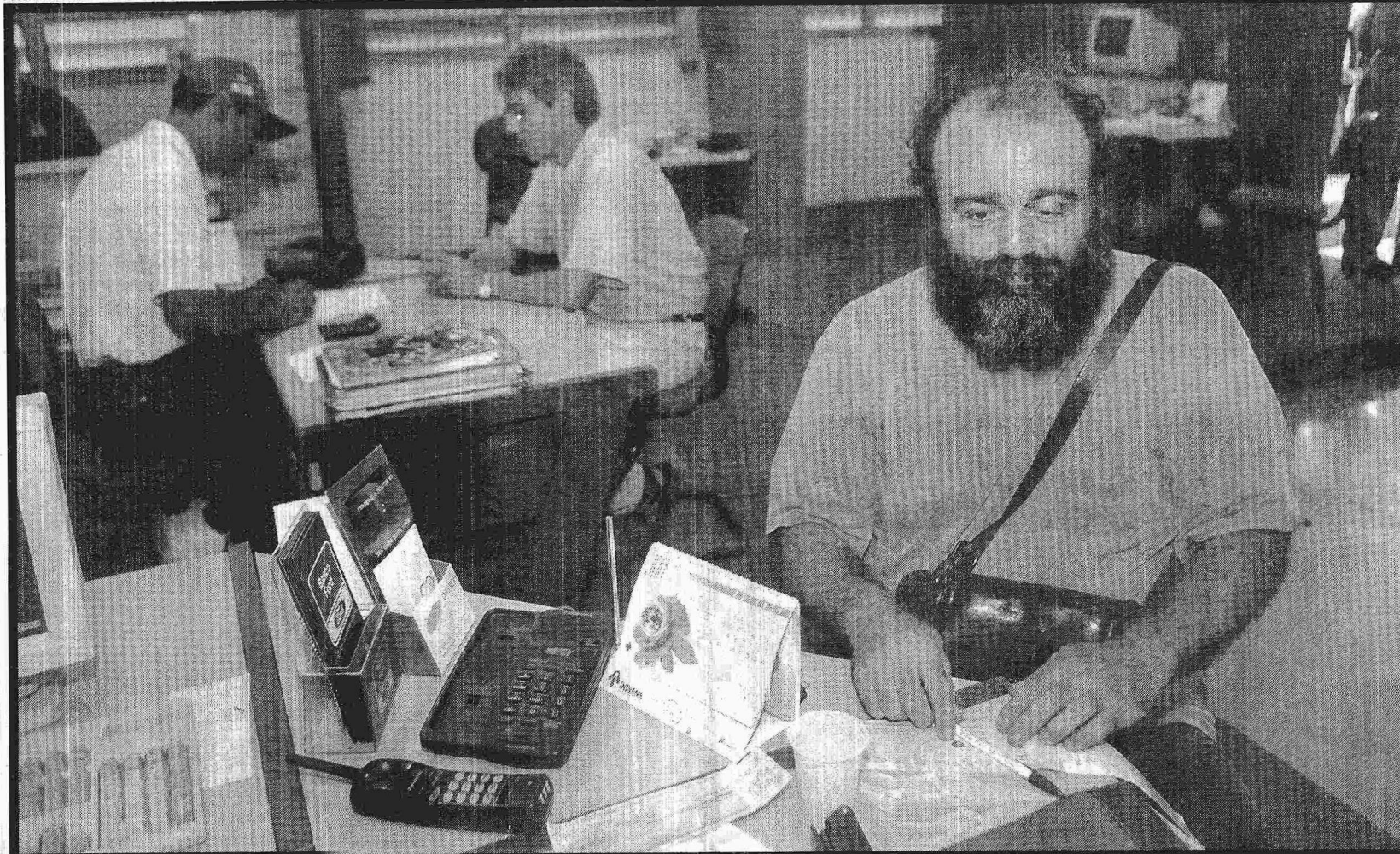
A correria pelos imóveis neste final de semana — a confusão se instalou desde a sexta-feira — provocou mais um baque no poder de compra do real. A partir de amanhã, algumas empresas vão reduzir de 20% para 10% o desconto para compra à vista de apartamentos com entrega prevista para os próximos 12 meses. Outras suspenderam seus negócios ontem, na esperança de aumentar os preços, agora que a procura explodiu.

Um investidor, que não quis se identificar, viveu uma verdadeira *via crucis* a tentativa de encontrar um imóvel para comprar à vista. Com pouco mais de 30 anos, casado, dois filhos, ele trabalhou em missão diplomática nos últimos dois anos, conseguindo economizar US\$ 20 mil dólares — já que no exterior não pagava aluguel.

“Quando cheguei, com esse dinheiro não comprava nem quitinete. Vou aproveitar para vender os dólares agora e aplicar em imóveis. Não acredito que essa alta do dólar dure mais que dois meses”, conta.

Ontem, em suas andanças para procurar apartamento e com o correspondente a R\$ 40 mil no bolso (os doleiros lhe pagam até R\$ 2,00 por dólar), ele viu inúmeras estandes de vendas se fecharem. Depois de percorrer todo o Plano Piloto, ouviu

André Corrêa



Assustado, o arquiteto Dalvino França saiu do banco para comprar uma caminhonete: “Em duas semanas, meu dinheiro se desvalorizou em 40%”

sempre a mesma frase dos corretores: “Estamos com os negócios suspensos para esperar a nova tabela de preços que vem na segunda-feira” ou “o desconto à vista vai cair para 10%”. O investidor só conseguiu fechar negócio no Setor Sudoeste. Comprou uma quitinete.

A executiva de vendas Eleonora Bucci recebeu cinco propostas de pessoas interessadas em comprar imóveis à vista, quando a média típica dos sábados é de dois clientes com esse perfil. A maioria apenas procura informações sobre financia-

mentos. Mas esse sábado foi um dia que fugiu à lógica: o pagamento em dinheiro superou as perguntas sobre taxas de juros.

“Mesmo que não houvesse toda essa confusão, imóveis é o que há de mais concreto, palpável: ninguém rouba, nem se desvaloriza. Sempre é o melhor investimento”, afirma Eleonora Bucci. “O Índice Nacional da Construção Civil (INCC) que corrige as prestações, foi negativo no mês passado. O que é que se compra no país com juros de 1% ao mês? Só a casa própria”, avalia.

Bucci comercializa imóveis para todos os tipos de compradores, de quitinetes a quatro quartos com 450 metros quadrados de área. Ontem, ela apresentava um desses megainvestimentos à administradora de empresas Cláudia Carvalho, casada com o deputado federal Sérgio Carvalho (PSDB-RO). A família morava em Porto Velho mas, como ele foi eleito, devem se fixar em Brasília. “Eu não estou exatamente procurando proteger meu dinheiro. Quero apenas sentir como funciona o mercado imobiliário de Brasília, para depois me decidir”, explicou Cláudia.

Para proteger seus reais da crise, o arquiteto Dalvino França escolheu o que chama de “investimento exótico” — uma caminhonete Ford Ranger, zero quilômetro. “Em duas semanas meu dinheiro se desvalorizou em 40% com a flutuação cambial. Como a tabela de preço dos automóveis será reajustada em 11% amanhã, estou me precavendo de uma perda acumulada de 51%”, conta.

“Mesmo sabendo que o veículo

perde 20% do seu valor comercial quando sai da concessionária, deixando de perder 31% com o pagamento à vista e ganho mais R\$ 5 mil, que é o desconto oferecido pela revendedora para compra em dinheiro”, compara França.

Se o arquiteto optasse por comprar seu carro parcelado, continuaria com o salário estável e as prestações mensais seriam reajustadas em 3,97% ao mês, mais Imposto sobre Operações Financeiras (IOF). A outra alternativa, o contrato com juros pós-fixados, é temerária. Mantendo os juros altos, o governo evita que a inflação tome fôlego, porque abala as fontes de dinheiro em circulação na economia.

A diagramadora Ana Maria Francischetti, paulista que está em Brasília há oito meses, ficou impressionada com a velocidade que a boataria do confisco se espalhou. “Na sexta-feira, só porque eu passei na porta do Bradesco, um mendigo me parou para dar um conselho: ‘Moça, corre para a fila do banco, que é logo ali’”. Ainda na dúvida sobre a veracidade da informação, ela comprou material de construção para reformar seu banheiro, com o dinheiro que guardava na poupança. Ana Maria foi uma das poucas pessoas a correr para esse ‘investimento’. As lojas de material de construção do Setor de Indústria estavam mais vazias que a média aos sábados, segundo comentaram alguns gerentes.

Valmir Ferreira Gomes, funcionário público, olhava preços e cores de azulejos e cerâmicas na loja para o acabamento da casa que está construindo. “No tribunal onde trabalho o povo só faltou quebrar o banco por causa dessa história de confisco”, conta. “Mas eu não acredito. O que derrubou o Collor não foi a corrupção, foi o prejuízo que os grandes grupos tiveram nessa brincadeira”, analisa.